



# cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.<sup>o</sup>  
N.<sup>o</sup> 40

Preço  
1\$00

# A Companhia Cinematográfica de Portugal

**Já apresentou esta temporada**

A Mulher de Quem se Fala

A Aventureira de Tunis

A Condessa de Monte-Cristo

A n n y P r o f e s s o r a

Era Uma Vez Uma Valsa

O Estudante Mendigo

Pat e Patachon Musicos Ambulantes

**e vai apresentar brevemente**

## A Favorita do Imperador

com LIL DAGOVER



## Os Cinco do Jazz

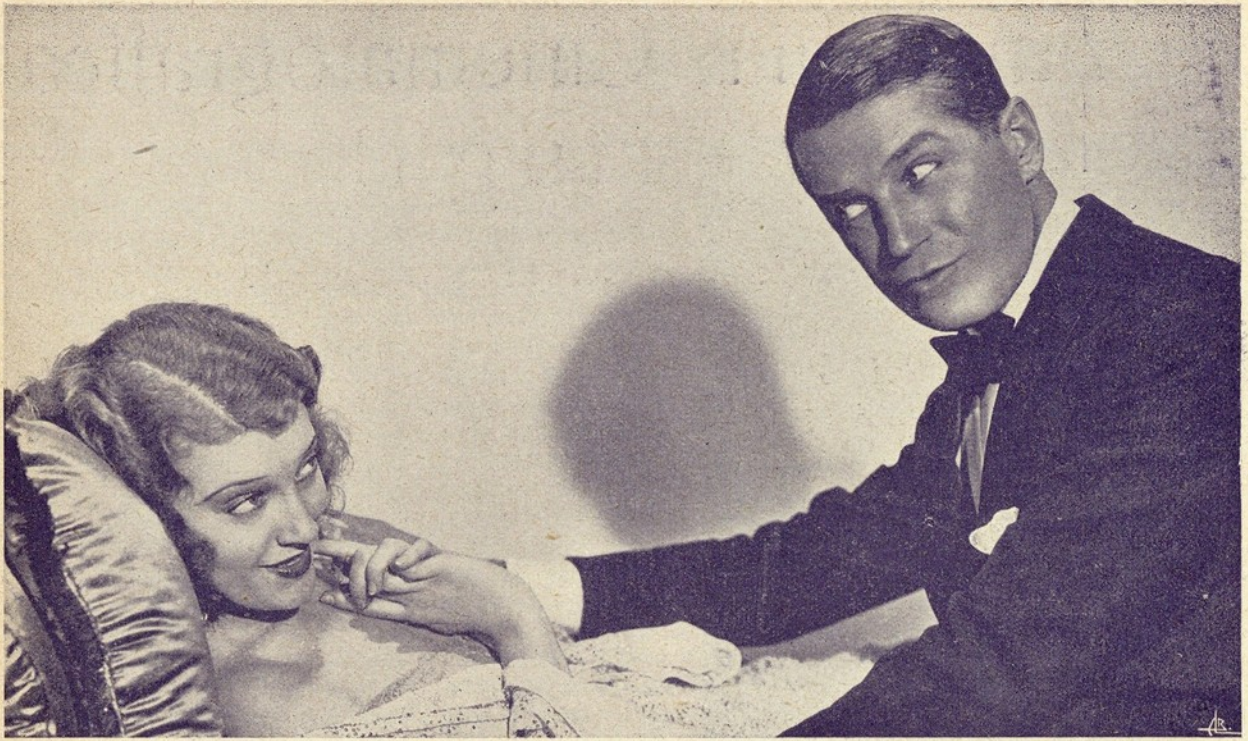
com JENNY JUGO



## Esta ou Nenhuma

com GITTA ALPAR

**e muitos outros grandes exitos que  
oportunamente serão anunciados**



*Maurice Chevalier e Jeannette MacDonald em "Uma Hora Contigo", uma produção de Ernst Lubitsch para a "Paramount", falada em francês. "Uma Hora Contigo", em que voltamos a ver a nossa quasi-compatriota Lili Damita, tem sido um dos maiores exitos do cinema, e mostra como o par Maurice Chevalier-Jeannette MacDonald continua a ser querido de todo o público.*

## O Cantinho dum Cinéfilo

### "Raparigas de Uniforme"

Quando, em fins de Dezembro do ano passado — há precisamente um ano — o director do «Der Deutsche», de Berlim, me telegrafou anunciando «Raparigas de Uniforme» como o filme vencedor do seu inquérito anual, acrescentando «de Carl Froelich», fiquei naturalmente admirado, porque tal película me era ainda absolutamente estranha, e mais admirado fiquei, dias depois, quando o número do «Der Deutsche» me dava a conhecer que a realização da fita era de Léontine Sagan, um nome que nada fez vibrar os meus conhecimentos cinéfilos. Foi, portanto, com ávida curiosidade que vi agora «Raparigas de Uniforme», cujo éxito no estrangeiro se tem firmado em lisongeira progressão, éxito generalizado a todos os países onde o filme vai sendo exibido.

Na verdade, «Raparigas de Uniforme» é uma produção das que mais qualidades filmicas possui, qualidades por assim dizer naturais, que a impõem sem esforço, que a tornam assimilável no que à sua técnica respeita, pelo deslizar suave dos mercimentos da própria narrativa, numa narração que corre a par do nosso espirito, alheado de tudo e de todos, para só se concentrar no desenrôlo daquelas peripécias tam simples, tam humanas, para se sentir personagem com as personagens da obra, para viver com elas, para sofrer como essa figura tam inteligentemente traçada e magistralmente materialisada que é a «Manuela» que Hertha Thiele encarna, vive como personagem real que pisa as sinuosidades da sua vida e as sente, muito veramente, sem uma hesitação ou um esforço, sem nada que possa dar a impressão duma representação ou que faça desaparecer os vapores deliciosamente embriagadores que estamos res-

pirando diante de tanta humanidade, de tanta poesia, de toda a beleza que trasborda do trabalho de Léontine Sagan.

A idea básica da obra não me parece ser a que muitos perfilham, a demonstração simples de que a educação severa que se imprime em asilos, orfanatos ou quejandos estabelecimentos de militarizado regime — que Léontine Sagan tam bem nivelou com imagens e sons de belo efeito comparativo, como nas marchas em fôrma e nos toques militares — é pernicioso e deve ser substituida pelo trato familiar, carinhoso, de vantajosos efeitos. Essa é, a meu ver, um motivo secundário, uma radiação pura e simples, muito embora se lhe possa dar, se para isso nos quisermos obstinadamente inclinar, caracter primordial. Porque o que Léontine Sagan nos dá na adaptação fonofilmica da obra de Christa Winsloe é uma demonstração de psicologia, um estudo profundo de sensibilidades, para o que escolheu como principal acessório — mas sempre um acessório — a vida num internato feminino, como poderia ter escolhido, por exemplo, uma oficina de costureiras, um grupo desportivo ou qualquer outro em que o movimento colectivo permitisse salientar as figuras, os caracteres que iriam servir de base ao seu estudo. E a vida áspera, rígida, excessivamente disciplinada dum internato, serviu melhor aos planos filmicos de Léontine Sagan, que devem ter obedecido na sua ideologia, é claro, aos planos literários de Christa Winsloe.

Mas o valôr do filme está na humanidade que Léontine Sagan soube imprimir a todos os seus quadros, como a todas as seqüências, que se encadeiam suavemente, harmoniosamente, sem percalços nem deslises, e, principalmente,

*(Continua na página 6).*

## Hollywood volta os



Martha Eggerth, a linda actriz alemã que vimos em "Era uma vez uma valsa" vai aparecer brevemente em "O Sonho de Schoenbrun", um filme opereta que está fazendo grande sucesso na Alemanha, onde se estreou há dias, e que a Companhia Cinematográfica de Portugal distribuirá entre nós.

Hollywood quer voltar à época das anquinhas e das saías engomadas. As saías de crinolina impõem-se uma vez mais e as jovens e formosas damas do «écran» adornam-se com peles, leques e véus. Hollywood volta à época em que o trem constituía o mais veloz de todos os meios de transporte. Voltamos novamente à idade feliz em que as mulheres usavam uma ou mais saías brancas. Regressamos, enfim, ao Romantismo. Ou, pelo menos, para êles nos encaminhamos.

Norma Shearer assim o disse, e a formosa «estrela» nunca faz uma afirmativa sem ter a convicção de que não erra. E não obstante é ela a responsável de termos tido ocasião de ver filmes tam revolucionários como «Sejam alegres», «A Divorciada», «Uma alma livre» e «Vidas Íntimas».

«Com um pouco de esforço, — afirma Norma Shearer —, podemos juntar os encantos de outras épocas aos da nossa. Não é necessário para isso que perca-

mos a expontancidade que ganhamos com a liberdade. Basta que imitemos em parte essas mulheres das saías engomadas, cuja feminilidade nos seduz e encanta. Não creio que a rapariga moderna perca nenhum dos seus atractivos pelo facto de utilizar os «truques femininos» das mulheres de outrora.

O modo de vestir, incontestavelmente, reflecte o modo de sentir das mulheres. Em tôdas as partes vemos a mais marcada tendência para uma época mais gentil, mais poética do que a que temos vivido ultimamente. Demonstra a verdade disto o facto de a produção que Hollywood está preparando para a próxima época ter poucas «mulheres modernas»,

pouquíssimos «gangsters» e ainda menos «mulheres de reputação duvidosa», abundando, em compensação, as raparigas deliciosamente femininas e os cavalheiros galantes.

Norma vê a evolução com bons olhos, visto que em sua opinião não se perde com a troca o espirito aventureiro do século, embora se dulcifiquem um pouco as coisas. Norma quer dizer que podemos situar-nos em um campo mais equitativo, entre as raparigas independentes «d'après la guerre» e as encantadoras criaturinhas que foram as nossas avós.

«Pessoalmente, sinto adoração pela saía engomada, — confessa a linda Norma com entusiasmo —. Não a usaria sempre, mas compreendo que não há nada tam feminino. Num passado bem próximo, a gente tinha uma noção mais verdadeira do sentimento e do romantismo. A nossa época é a época do valor e da ciência. Em poucos anos, os decorridos desde o reinado da saía

engomada até ao dia de hoje, temos aprendido muitas coisas, mas as características pertencem ao passado e nós podemos adoptá-las — ou adaptá-las à nossa época».

«Em minha opinião, as mulheres teem ao seu alcance três meios quasi infalíveis de se tornarem encantadoras — peles, véus e meias de seda pretas. Estas últimas estão conquistando uma voga incontestável. Em Paris, Viena, New York e Hollywood são usadas com frequência pelas mulheres mais elegantes da alta sociedade e pelas «estrelas» que disfrutam da fama de serem chiques. Em alguns países, até há pouco, só as usava quem estava de luto, mas agora já começam a circular quando todos os membros da familia estão vivos e cheios de saúde. Isto constitui um sintoma seguro de que as meias pretas vão fazer carreira. E é quasi certo que a próxima primavera será favorecida por muitos pares de lindas pernas revestidas de meias negras, que são as que melhor estilizam a linha e as que mais concorrem para as embelezar.

«A rapariga de outrora era encantadora, embora em excesso sentimental. Recordo, não obstante, que quando era criança, costumavam reñir-se em casa amiudadas vezes tôdas as amigas de minha mãe. Riam e cantavam sempre. Posso mesmo garantir que nunca houve entre elas uma reunião triste ou insípida. Em compensação, hoje causa dó assistir a uma reunião ou festa. As mulheres não sabem o que hão-de dizer e os homens contentam-se com fumar.

Gostaria imenso de ter vivido em New York nos tempos dos trens. A vida era fácil e simples nesses belos dias. Melhor ainda, era alegre e limpa. Não obstante, considero a mulher de hoje mais expontânea e natural que a de outrora. Segundo dizem os nossos pais, as nossas avós conseguiam sempre um perfeito equilibrio quando se encontravam na presença de qualquer pessoa. Pelo que me diz respeito, desgostar-me-ia ser considerada «uma mulher perfeitamente equilibrada». Entendo que ser formal, digna e friamente correcta, equivale a ter um perfeito equilibrio. As únicas ocasiões em que procurei ser equilibrada foi quando

## olhos para o passado

experimentei sustos muito grandes e tratei de escondê-los atrás de uma máscara de frialdade. Isto sucedeu quando fui buscar os meus papeis de cidadã norte-americana. O dia em que a Norma Shearer canadense se transformou em filha do Tio Sam, foi tam cheio de emoções para mim que tremia como uma criança.

«Considero-me muito feliz por haver sido escolhida para heroína de «Smiling Through», porque sinto especial predilecção pelos assuntos amorosos. «A Divorciada» versava um assunto de amor. Não digo que não fôsse altamente moderno, atrevido e até um pouco «rico de côr», mas, não obstante, era um assunto amoroso.

«Smiling Through» dará ao público um contraste directo da mulher de outrora ao lado da de hoje. Como nesta película não faltam as cenas amorosas, haverá ocasião para estabelecer comparações. Na parte moderna procurei não ser demasiado atrevida na forma de vestir, para que o contraste não seja excessivamente violento. A película poderá desagradar por ser demasiado romântica. Gira em volta de um assunto de amor eterno — e eu pus todo o entusiasmo no meu trabalho porque creio sinceramente que o cinema necessita de assuntos românticos. O meu filme não será o único desta espécie. Vários estúdios preparam outros de idêntico género, porque se aperceberam de que o público pretende variar um pouco. As plateias estão fartas de assuntos atrevidos e de «mulheres complicadas». Temo-nos arregrado muito dos temas puros e limpidos que a principio imperavam no cinema.

Eis as razões que decidiram Norma a tentar fazer-nos voltar de novo à era romântica dos nossos antepassados. É possível que a sua idéa encontre bom acolhimento, mas também pode morrer ao nascer. Seja como fôr, distrairemos pelo menos o coração e os olhos, afastando-os momentaneamente do materialismo dos nossos dias. E simultaneamente recordaremos que já houve uma sociedade melhor, em que as mulheres eram mais femininas e os homens mais cavalheiros.

«Smiling Through» é talvez o início

de uma nova era no cinema. A este filme seguir-se-ão outros do mesmo género, porque nos estúdios de Hollywood têm o costume de seguir a corrente e «esgotar os assuntos».

MARIE HOUSE.

«Cinema»...

é a revista que maiores vantagens oferece aos seus leitores.

Se tem algum amigo que não esteja ao facto dos nossos «bonus», informe-o da conveniencia que tem comprando «Cinema» tôdas as semanas. Prestará assim um favôr ao seu amigo e contribuirá para a maior expansão de esta publicação.

June Vlasek, um amor de rapariga que a "Fox" arranjou, tam linda que nem sabemos se é para fazer fitas ou para fotos de publicidade, enviou-nos esta fotografia com os seus desejos de Feliz Natal.

Obrigadinhos, ó June Vlasek! E dá lá um abraço à Janet! E à Clarinha! E à Sully Eilers! E à Marion Nixon! E à Joan Bennett! E que apareçam!



## Dentro e Fora dos Estudios

O Governo de Bombaim proibiu a exhibição de todos os filmes que façam referência a Gandhi.

Nó «Primus Palast», de Berlim, estreou-se no dia 20 do corrente a fita «Das Blaue vom Himmel» («O Azul do Céu»), da «Aafa», realiado por Viktor Janson, com Martha Eggerth e Hermann Thimig. «O Azul do Céu» acaba de ser adquirido para Portugal pela Companhia Cinematográfica de Portugal.

Consta que Pabst tenciona filmar «A Guerra Futura».

«Mata-Hari» já entrou na 8.<sup>a</sup> semana de exhibição no «Apollo», de Paris.

Faleceu há dias em Berlim Max Kagelmann, que há mais de dois anos ocupava o cargo de director dos serviços sonoros da «Ufa».

A actriz alemã Dita Parlo regressou há dias à Europa, depois de dois anos na América, onde não interpretou nenhum filme de importância.

Acaba de se fundar na Argentina a «Argentina Sono Films», para a produção de filmes sonoros. Duas fitas estão já em preparação.

Jack Pickford esteve bastante doente em princípios de Dezembro no American Hospital, de Paris. Seu cunhado Douglas Fairbanks foi vê-lo, quando há dias visitou Paris.

A fita «A Bela Aventura», da «Ufa», estreou-se no dia 7 de Dezembro no

«Little Carnegie Playhouse», de Nova-York. Foi exibida a versão alemã, com Kate de Nagy e Willy Fritsch.

Karl Freund, o famoso mestre fotógrafo alemão, que há anos se encontra na América, e que recentemente dirigiu a fita «The Mummy» («A Mumia»), vai realizar um novo filme, que será «The Exile».

### Von Sternberg vem à Europa

O realizador Josef Von Sternberg, que está terminando o seu contrato com a «Paramount», tenciona embarcar no fim do corrente mês no «Bremen», com destino à Europa.

### A estreia de «Rasputin» em Nova-York

O recente filme da «M-G-M», interpretado por John, Lionel e Ethel Barrymore, «Rasputin e a Imperatriz», estreia-se amanhã, dia de Natal, no «Astor», de Nova-York.

### Nesta semana fazem anos:

De 24 a 30 de Dezembro

- Dezembro, 24 — Ruth Chatterton (39).  
 24 — Howard Hughes, produtor (31).  
 24 — Michael Gurtiz, realizador (44).  
 24 — Evelyn Hall.

- Dezembro, 24 — Eulalie Jansen.  
 25 — Joe Bonomo.  
 25 — Marguerite Churchill.  
 25 — Helen Twelvetrees.  
 27 — Maria Alba.  
 27 — Marlene Dietrich.  
 28 — Lew Ayres (26).  
 29 — Otis Harlan.

## A «Wampas» elegeu as «Baby Stars»

A «Wampas» («Western Associated Motion Picture Advertisers») acaba de elegeu as «baby stars» de 1932:

- LILIAN MILES, «Columbia»  
 MARY CASLISLE, «M-G-M»  
 ELEANOR HOLM, «First National»  
 PATRICIA ELLIS, «Warner»  
 MARIAN SCHOCKLEY, «Educational»  
 DOROTHY WILSON, «RKO»  
 RUTH HALL, «Samuel Goldwyn»  
 LONA ANDRÉ, «Paramount»  
 BOOT MALLORY, «Fox»  
 GLORIA STUART  
 EVALYN KNAPP  
 LILIAN BOND  
 JUNE CLYDE  
 GINGER ROGERS  
 DOROTHY LAYTON

Sem contrato

Oxalá ouçamos brevemente falar com assiduidade destas embrionárias «estrélas», agora feitas pela «Wampas», a quem muito devem algumas das principais «estrélas» americanas da actualidade.

## O Cantinho dum Cinéfilo

(Continuação da página 3)

sem os malabarismos da câmara de que certos realizadores usam e abusam, como se o bom cinema, cinema como êle devia ser todo — se êle fôsse de graça e não houvesse de ser precedido e seguido de pagamentos e recebimentos... —, não pudesse ser feito sem recorrer às facilidades de movimentação que os senhores Debrie, Bell and Howell, etc., imprimiram às suas máquinas de tomadas de vistas, sem deitar mão a outras utilizações mecânicas, nem sempre empregadas convenientemente, mas que, pela sua ousadia, logram, às vezes, dar uma capa de talento a um atrevido, mas um incapaz.

«Raparigas de Uniforme» não possui nenhuma dessas extravagâncias. Foi a inteligência do seu realizador Léontine Sagan que produziu toda aquela beleza continua, fluente, que passa dum quadro a outro, dum cena a outra, desde as «boas-noites» da Senhora de Benburg às suas alunas, de maravilhoso e pontuado ritmo, à aceleração final e grandiosamente trágica da confusão inquietante das alunas em procura da sua condiscípula Manuela, prestes a suicidar-se. É aí, como em todo o filme, os *plongés* e os *contre-plongés*, os grandes planos, os *travelings*, etc., todas as possibilidades da técnica mecânica, resultância da técnica cinegráfica propriamente dita que possuem os grandes realizadores, são empregadas aqui com uma razão, com um objectivo, com uma perfeita justificação.

Dorothea Wieck, já nossa conhecida do cinema silencioso, é, como Hertha Thiele, de quem já falei, actriz que não representa, mas que vive a sua personagem. Na admoestação à sua educandas, como na reserva da afeição que lhe tributa, como na defesa, perante a sua superiora, das censuras que lhe são feitas, Dorothea Wieck não teve uma irregularidade, soube evitar o mais pequeno exagêro, que lhe custaria a personagem e deturparia, de-certo, toda a obra, já bem prejudicada no seu valor artístico — que não no resultado comercial — pelos cuidados excessivos que o réclame da obra demonstrou pela sensibilidade do público...

Emilia Unda e Erika Mann, nas duas figuras jesuiticamente austeras bem desenhada e bem interpretadas. Um grupo de raparigas escolhidas com grande tacto, emprestam ao entrecho o necessário ambiente colectivo, mas de psicologias diversas, que Léontine Sagan focou episódicamente, como era necessário para servirem de contôrno ao conflito que mais lhe interessou desenvolver.

Uma colaboração musical de apreciável efeito e uma fotografia primorosa, cuidadosamente trabalhada, harmonizando-se com o grande valor de «Raparigas de Uniforme», que é um excepcional trabalho cinegráfico, que todo o público, absolutamente todo, deveria vêr.

# Um Divorcio por Amor "à francesa"

O regresso de Maurice Chevalier a Hollywood, após uma permanência prolongada em França, deu um cunho de actualidade ao seu divórcio.

Até aqui, os americanos não tinham tomado a sério esta separação e muitos deles pensavam que, após alguns meses passados na sua pátria, as divergências de opiniões se aplanariam e que de novo veriam a fina silhueta de Yvonne ao lado de seu marido quando o paquete acostasse a New York. Porque, para os americanos, Maurice continua sendo uma espécie de fenómeno incompreensível, cujas reacções não é possível prever e escapam à sua psicologia.

Mas Maurice chegou à América com a única companhia do seu fotogénico sorriso, e logo fervilharam as notícias sobre este «divórcio à francesa».

Chevalier dissera:

— Yvonne e eu queremos continuar sendo bons amigos, mas, se não nos separarmos acabaremos por ganhar rancor um ao outro.

E Yvonne Vallée, por sua vez, dissera:

— O nosso amor não resistiria ao casamento. Mas o divórcio não significa uma separação absoluta. Maurice continua sendo o meu ideal, e a sua felicidade é o que de mais querido tenho no mundo.

Em Hollywood, onde é corrente as «estrêlas» que se divorciam dizerem «que a sua separação em nada alterará os seus sentimentos», parece que todos ficaram estupefactos com a declaração de Chevalier, e é com uma espécie de mistério e uma entonação inimitável que se fala em voz baixa do que classificados de «divórcio muito parisiense»!

E' sempre difícil o mundo admitir — e forçoso será reconhecer que por vezes tem razão — que o divórcio seja motivado por uma simples incompatibilidade de gênios.

O triângulo romântico parece sempre mais plausível, e as negativas dos interessados raras vezes impedirão «que se procure a mulher». Chevalier não podia de modo algum escapar a esta regra, e em vão Irene afirmou impacientemente: «que Maurice não amará outra mulher que não fosse ela». E em vão, também, Maurice corroborou esta afirmativa com a seguinte declaração: «Não amo outra mulher e não tenho novos projectos de casamento». Ninguém parecia convencido. Ciciava-se um nome que rapidamente começou a andar em todos os lábios. Este nome era o de Marlene Dietrich.

Mas tinham algum fundamento os rumores que uniam os nomes destes dois artistas?

Cincoenta reporters assediaram a porta de Marlene para lho perguntarem.

O sorriso maravilhoso da estranha mulher tornou-se mais perturbador do que nunca.

— Admiro muito Chevalier e tenho por ele grande afeição. Mas românticamente falando, não me agrada, e sinto que não conseguiria amá-lo.

Como nunca se falou em separação entre Rudolph Sieber e Marlene, a opinião pública renunciou a tornar esta responsável do rompimento entre Chevalier e Yvonne.

Mas era bem evidente que este divórcio, sobrevindo precisamente no momento em que menos esperado era, transtornasse toda a literatura inspirada pelo casal francês, citado como um modelo de harmonia e de perfeito amor. E os protestos dos esposos assegurando que «se divorciavam para

transformou-se súbitamente em um novo Napoleão que repudiava Josefina — Yvonne por esta não lhe dar um herdeiro! Um único detalhe faltava ao quadro histórico: a figura de Maria Luisa. Se Marlene não podia de modo algum interpretar este papel, a quem haviam de o entregar?

Foi lembrado e logo posto de parte o nome de uma artista francesa. Falou-se de Irene Bordini, de Jeanette Mac Donald. Mas, como a comparação era um pouco ousada, mesmo na América, e sobretudo porque não agradava ao interessado, que, segundo se diz, pediu ao fecundo agente para «mudar de disco», foi adoptada uma explicação mais simples.

Maurice Chevalier, auxiliado pelo sucesso, americanizara-se. Aprendera rapidamente o inglês, que falava com um sotaque particular; adoptara a maneira de viver dos seus camaradas, o seu modo de vestir, o seu «argot» e as suas chalaças: em suma, transformara-se em um dos seus. Não sucedera o mesmo com Yvonne que, passados vários anos de permanência na América, sabia apenas algumas frases, continuava, como nos primeiros dias, a sentir-se fora do seu meio, permanecia parisiense desde os pés às pontas dos cabelos e tinha saudades dos «boulevards». O marido havia evoluído; a mulher não se adaptara à nova existência, aborrecia-se e tinha a nostalgia da pátria. Deste facto haviam resultado divergências; as questões multiplicaram-se, tornando a separação inevitável. Para salvarem o seu amor do naufrágio, decidiram divorciar-se.

Tudo isto era muito admissível. Entretanto, Hollywood não está convencido. Continua a pensar que, se decorridos dez anos de matrimónio, Chevalier pede e divorcio, deve haver razões mais sérias do que todas as que foram lançadas à sua curiosidade, e espera pacientemente que lhe anunciem o nome da actual dona dos pensamentos de Maurice. Será, de facto, o de Jeanette MacDonald, sua parceira em tantos sucessos? O de Marlene Dietrich, com a qual o tem visto amiudadas vezes nestes últimos tempos, ou de uma compatriota que lhe dará o desejado herdeiro? Hollywood espera.

GENOVA.



Maurice Chevalier  
principal protagonista do filme  
"Uma Hora Contigo"

poderem continuar a amar-se», estavam longe de esclarecer as coisas.

O agente de publicidade de Maurice, que não previra tal acontecimento, sentia a inquietação subjuga-lo e um suor frio perlava-lhe as fontes grilhas.

Que querem, são franceses, dizia com um riso amarelo. Em França não veem as coisas como nós as vemos.

E pensava ansiosamente na explicação que daria por o galante artista ter pedido o divórcio em vez de deixar a sua esposa esta iniciativa... O facto de o casal não ter filhos bastaria para satisfazer o público exigente? Talvez não. Mas era, em todo o caso, uma tábua de salvação.

Graças à pena hábil dos especialistas na matéria, Maurice Chevalier

## Dorothea Wieck contratada pela «Paramount»

A actriz alemã Dorothea Wieck, que vimos recentemente no papel de Fraulein von Bernburg, no filme «Raparigas de Uniforme», acaba de ser contratada por um ano, pela «Paramount», que terá o direito de opção por mais 4 anos. Dorothea Wieck partirá em Março próximo para Hollywood.

# Uma "estrela" que não gosta de entrevistas

## De passagem em Paris, Greta Garbo foje dos jornalistas como o diabo da cruz

Do nosso colega francês «Ciné Miroir», reproduzimos o seguinte artigo.

Nunca pronunciamos o nome de Greta Garbo sem que de nós se apodere um sentimento perturbador, feito de curiosidade e de mistério, sentimento que provem tanto da personalidade física da artista como do seu trabalho no «écran». Há poucas artistas tam femininas, isto é, que se deem tam pouco, mesmo quando se dão inteiramente. Ela representa, digam o que disserem, uma certa sinceridade morbida que somente aparece nas crises e nos dramas; é isto que estabelece a diferença que a separa da mulher fatal, dessa espécie de mulheres que desencadeiam catástrofes em toda a parte onde aparecem e que se sentem felizes vendo tantas ruínas acumuladas em torno de si. Greta Garbo, pelo contrário, forja a desgraça involuntariamente, sem o suspeitar. É um enigma vivo difícil de decifrar, e por isso cativa mais do que qualquer outra artista.

Esta curiosidade, esta atracção que Greta Garbo exerce voluntária ou involuntariamente, foi em absoluto provada durante a sua permanência na Europa. Quando Mlle. Gustavson — é este o seu nome de família — deixou a América e chegou à Suécia, conseguiu passar quasi despercebida entre os seus compatriotas. E ninguém se ocupou mais dela do que outrora, no tempo em que não passava de modesta empregada em um armazem de calçado. Como é natural, circularam notícias: fizeram correr o boato de um próximo casamento; anunciaram que se propunha adquirir um dos castelos de Ivan Kreuger, um desses palácios do silêncio onde se encerrava o célebre finaceiro. Mas nada disto passava de pura invenção.

E, um belo dia, Mlle. Gustavson deixou o seu país como havia deixado os Estados Unidos, sem fazer mais ruído do que um peixe na água, e de novo o mistério pairou em volta dela. Onde se refugiara? Lembraram-se de procurá-la em Paris. Não sei que boa estrela guiou um dos nossos jornalistas. Mas o certo é que foi um jornalista quem descobriu a verdadeira pista. Com uma subtilidade de pele-vermelha, um reporter conseguiu postar-se diante da porta de um hotel do «faubourg» Saint-Honoré, onde miss Gustavson se hospedara, em companhia de uma amiga, a condessa Wachtmeister, e foi tam feliz que pôde fotografá-las. Se o nosso policia amador houvesse ficado por

aqui, teria sem dúvida podido seguir Greta, a partir desse momento, em todas as suas voltas e passeios, pois nada a faria desconfiar da espionagem de que era alvo. Mas vão lá dizer a um jornalista que se cale, que guarde para si uma noticia sensacional! A sua missão é, precisamente, tudo procurar saber e tudo contar. Contraí esta obrigação perante o jornal que lhe dá trabalho. Portanto, toda Paris soube imediatamente que Greta havia transposto os seus muros. Logo os reporteres, os fotógrafos, os operadores, acompanhados das suas máquinas, vieram postar-se diante do hotel onde se alojava a «estrela»; mas esperava-os uma desilusão e tiveram de abandonar a partida.

Um jornalista mais teimoso do que os outros ficou, e, vendo as *malles* da «estrela» dirigirem-se para outro hotel, lançou-se na sua peugada. Sem dúvida, a «estrela» havia levantado arraias, e o jornalista disfarçado em criado de hotel, resolveu servir, nessa manhã, o almoço a miss Gustavson. Mas foi Greta quem, mais uma vez, ganhou a partida. Quando o reporter se apresentou no «appartement» alugado pela artista, apenas encontrou as duas *malles*. Corajosamente, decidiu entrevistá-las:

— A senhora não falará, — disse uma delas.

— A senhora sabe, — disse a outra, — que a melhor publicidade, para uma «estrela», é fazer correr a imprensa atrás dela e nada lhe conceder.

Publicidade! Será realmente a uma nova forma da publicidade que acabamos de assistir? Não nos compete responder. Procedendo conforme procedeu, Greta Garbo teria seguido um plano delineado por um hábil «manager»? Muitos dos nossos confrades o pensaram e o disseram. Um deles escreveu mesmo: «Para velar pelo Presidente da República, bastam seis inspectores de segurança; para uma «estrela» de cinema, não tardará muito que seja necessário mobilizar duas brigadas. Tudo isso é possível. Tudo isso é incontestável. Mas porque não havemos de admitir também que Greta não pôde viver, mover-se senão numa atmosfera misteriosa, e que, vítima do seu temperamento nordico e morbido, não sabe nunca se há-de procurar a sociedade ou fugir dela. Esta série de fugas, esta necessidade perpétua de silêncio não constituirão apenas provas flagrantes da sua incurável inquietação?

REMY GARRIGUES.



Aos lados, cenas diversas de "Mata-Hari", a super-produção da "M-G-M", falada em francês, com Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore e Lewis Stone, que na próxima terça-feira será estreada no "Trindade", do Porto, após um grande êxito nos cinemas "Odéon" e "Palacio", de Lisboa, onde se exhibiu simultaneamente. Ao meio, um postal monstro que o cinema Urquinaona, de Barcelona, onde se exhibiu "Mata-Hari", mandou a Greta Garbo, com as assinaturas de muitos admiradores de Greta Garbo, como homenagem pelo seu magnífico trabalho em "Mata-Hari".





## A R G U M E N T O

O doutor André Bertier e sua esposa constituíam o modelo dos casais. Muito apaixonados um pelo outro, jamais uma nuvem toldára o azul da sua união. Colette, a feliz consorte, tinha uma amiga, Mitzi, que desposára um professor de génio austero, o se-

# “Uma Hora Contigo”

nhor Olivier. Não se podem imaginar dois seres mais diferentes do que Mitzi e seu marido.

E esta jovem, alegre e cheia de finura, a melhor amiga de Colette, não podia impedir-se de notar que o doutor André Bertier era um marido encantador, ideal, como ela desejaria que fosse o seu.

Frequentando assiduamente a casa dos Bertier, Mitzi apercebeu-se rapidamente da atracção que o cativante André experimentava pelos encantos femininos. Um dia, fingiu estar doente e telefonou ao doutor, pedindo-lhe que a procurasse em casa. André Bertier estranhou um pouco esta súbita doença, mas a própria esposa insistiu com ele para que fosse imediatamente vê-la sua amiga.

André foi, pois, um pouco contra a vontade, ao domicílio de Mitzi, e, pelo caminho, pensou que, fosse qual fosse o resultado desta visita, a culpa pertenceria a Mitzi e não a ele. Nada de mau aconteceu, nesse dia, mas André soube que o professor Olivier queria à fina força divorciar-se e que Mitzi via com bons olhos a sua resolução.

Não obstante, o doutor queria continuar sendo um marido exemplar. Mas o destino comprazia-se em o aproximar da fascinante Mitzi, servindo-se para isso da pessoa que mais razões tinha de evitar qualquer contacto entre os dois. Tempos decorridos, sua esposa ofereceu um grande jantar às pessoas amigas e teve a imprudência de colocar o lugar do marido junto ao de Mitzi. Este facto mereceu a André esta

Realização de Ernest Lubitsch

Programa «Paramount»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Maurice Chevalier . . .	André Bertier
Jeanette MacDonald . . .	Colette
Lili Damita . . .	Mitzi
Ernest Ferny . . .	Professor Olivier
Pierre Etchepare . . .	Adolphe
Joséphine Dunne . . .	M. <sup>me</sup> Martel

observação, feita com um ar descuidado a sua esposa:

— Eu e Mitzi vemo-nos amiudadas vezes. Não achas que seria melhor dar-me outro lugar?

— Se pensas assim...

André mudou os cartões e fez com que colocassem a seu lado uma certa Madame Martel, que nenhum interesse lhe inspirava. Mas, terminado o jantar, foi Mitzi quem procurou a aproximação. Enquanto falavam conduziu-o ao parque e, maliciosamente, desfez-lhe o nó da gravata, fugindo depois a rir.

Arreliado, porque se sentia incapaz de voltar a agitar a gravata sem auxílio, André pediu a Madame Martel a sua intervenção no caso.

Precisamente neste momento, Co-

**PREGUNTÃO-MÓR:** — Seja muito bem aparecido! Que é feito de si, que não aparece há tanto tempo? Lee Garmes é, de fato, um dos melhores fotógrafos americanos, e acho merecidíssimo o prêmio da Academia que lhe foi atribuído. A fotografia de «Shanghai Express» é primorosa. Lee Garmes foi o fotógrafo de «Marrocos», «Disraeli», «Whoopee» (estas duas não exibidas em Portugal), «Fatalidade», e fotografou recentemente «Call Her Savage», o grande sucesso da nova Clara Bow. A «M.G.M.» possui também magníficos fotógrafos, como John Arnold, William Daniels, Clyde De Vinna, etc.

**CAPITÃO SAINT-AVIT:** — Por enquanto, não se anuncia nenhum novo filme de Charlotte Susa, se bem que há já várias curas fitas sonoras de sua interpretação ainda não exibidas entre nós. Charlotte Susa está actualmente na América, contratada pela «M.G.M.»

# Contigo”

lette apareceu e, furiosa, fez a seu marido uma cena de ciúmes, sem atender às explicações que ele em vão tentava dar-lhe. Os resultados deste atrito foram lamentáveis. No dia seguinte, desgostoso com as injustas censuras da esposa, André procurou consolar-se junto de Mitzi, a casa da qual foi, não como médico mas sim como apaixonado.

Mal o doutor saía de junto da esposa, um amigo que cortejava Colette havia muito tempo, veio surpreendê-la sôzinha em casa. A jovem senhora estava ainda muito excitada pela partida de seu marido para junto de Mitzi, e, talvez por espírito de vingança, permitiu a Adolphe que a beijasse. Mas, uma vez recebida a carícia, arrependeu-se de a ter consentido e, furiosa, expulsou brutalmente o infeliz apaixonado, que mal entreabriu as portas do paraíso.

Alguns meses decorridos, a calma imperava de novo.

André e Colette, reconciliados, viviam como nos primeiros dias da sua união. Não sucedia porém o mesmo em casa do professor Olivier. O abismo que o separava da esposa era agora mais profundo, mais largo, intransponível. A descuidada e volúvel Mitzi parecia para sempre afastada do seu austero marido e as desavenças eram tam grandes que só podiam ter um termo com a separação.

Um dia, o professor Olivier veio procurar André e disse-lhe num tom irónico:

— Tenho a intenção de o indicar como testemunha para o processo do meu divorcio. Suponho que não recusará. Colette, que estava presente, ouviu pela primeira vez falar de divór-

cio. E perguntou a si mesma, como qualquer outra mulher faria em seu lugar, qual o homem que o provocara. Mais ainda, procurou saber, causando grande inquietação a André, que por várias vezes a viu prestes a descobrir a verdade. Finalmente, foi ele próprio que, não podendo suportar por mais tempo uma situação cheia de sobressaltos, fez a sua confissão.

— Minha querida,— disse,— sou eu o involuntário causador do divorcio de Mitzi. O homem que procuras conhecer sou eu.

Colette ficou a principio aterrada. Mas logo a raiva se apoderou dela, decidindo vingar-se a seu modo e imediatamente.

— Não precisava da tua confissão para saber a verdade. Enquanto que tu partias para casa de Mitzi, recebi a visita do teu amigo Adolphe. Estava cansada, desesperada. Ele aproximou-se de mim suavemente, murmurou palavras consoladoras...

— E depois?

— Depois beijou-me, sem que eu tivesse coragem de o repudiar.

Chegou a vez a André de ficar aterrado. Adolphe, chegando precisa-



mente neste momento, nada compreendia da cena que se desenrolava entre os dois esposos, que considerava tam unidos. Então, Colette, na sua presença, exclamou:

— Já que fomos ambos infieis, nada temos a reprovar-nos; fiquemos por aqui, e façamos as pazes.

André, muito feliz por ver as coisas remediadas com tanta facilidade, pois não acreditava na infidelidade da esposa, soltou um suspiro de alívio e recebeu nos braços a encantadora companheira, pela qual se sentia mais apaixonado do que nunca.

## Correspondência

A TODOS: Desculpem-me os meus queridos correspondentes. Mas uma gripe maçadora obrigou-me a guardar o leito durante alguns dias e a deixar de responder com a necessária regularidade às cartas que tenho recebido. Vou procurar, nestes dois próximos números, pôr em dia a correspondência. E até lá, Boas-Festas.

ALBERTO BARRADAS: — Sim, «Anjos do Inferno» foi um dos melhores filmes sobre a guerra aérea, mas «A Patrulha da Alvorada» não lhe fica atrás. E, simplesmente sobre aviação, não deixe de ver «Titans do Céu», quando aí for exibida em Luanda. «A Parada do Amor» foi, com efeito, o grande filme que nos revelou Maurice Chevalier. Tanto Georges Bancroft como Jaqué Catelain continuam trabalhando no cinema sonoro. Do primeiro,

veremos esta temporada «Página de Escândalo» e «Audácia que Assombra». Do segundo, não está nada anunciado.

Muito obrigadinho pelos selos que tem continuado a enviar para o Director. Também recebemos a pequena fotografia do cinema «Nacional», dessa cidade, que publicaremos brevemente.

FLOR DA RUA: — Tadinha!... «A Mulher do Faraó» foi um antigo filme, suponho que tem mais de dez anos e só me lembro que foi interpretado por Emil Jannings e dirigido por Lubitsch. Pergunte coisas mais modernas.

UM HOMEM COM NOME: — Dizem os meus informes que Lilian Harvey partirá para a América daqui por poucos dias, ou seja, em fins de Dezembro. É melhor esperar mais alguns dias, e escrever-lhe depois para «Fox Studios», 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Cal.

Porque é que o «Rivoli» não dá desconto de 50% nas «matinées»? Faça esta pergunta directamente para lê.

MARIANA: — Sim, minha senhora, o Henry Garat também vai para a América. Qualquer dia vamos todos para lá e a Europa fica despovoada. Só o Director é que não poderá a entrar. Eles querem que todos saibam ler e escrever...

VIVA O FROELICH: — Conheço nada menos de três Froelichs: O Gustav, actor muito popular, o Hugo, actor pouco popular e o Carl, realizador e productor muito considerado. Se é ao Gustav que se refere, é provável que o veja ainda esta temporada em vários filmes, entre os quais «Catholicismo». Escreva-lhe para Berlim-Zehlendorf-West, Ziententrasse 3.

ANIBAL D. VASCONCELOS: — O director achou muita piada à sua carta,

sobretudo por você dizer que «frequenta a Faculdade de Direito, onde vai conscienciosamente perdendo alguns anos...», mas pede-me para lhe dizer que não pode aceitar o seu oferecimento porque não deseja correspondentes da revista cá no País. Não deixa, no entanto, de lhe ficar reconhecido.

MARIO R. PINTO: — Sylvia Sidney aparecerá em «Tragédia Americana», «Confissões duma jovem» e «Damas do Presídio». Actualmente está fazendo «Madame Butterfly» e continua na «Paramount»; Janet Gaynor está fazendo «State Fair», para a «Fox», e as direcções são, para a primeira, «Paramount Studios», 5451 Marathon Street, e para a segunda, «Fox Studios», 1401 N. Western Avenue, ambos em Hollywood, Califórnia.

FREDERICO GUILHERME SEIZ: — Sim senhor, ainda esta época verá

um novo filme de Lilian para a «Ufa», o ultimo que ela fez na Europa, antes da sua próxima partida para a América. É falso o boato do próximo encarceramento da casa alugadora a que se refere. Dei ao Director os 1850 que enviou, e ele lhe enviará o catálogo dos postais. E escreva sempre que queira.

HOW DO YOU DO, MISS HARVEY? — Estou contente por ter recebido resposta da Lilian Harvey, utilizando a direcção que lhe dei. Se quer voltar a escrever-lhe, não o faça já, pois ela está em preparativos de viagem para a América. É melhor esperar alguns dias, e depois de vêr em «Cinema» a notícia da partida de Lilian Harvey, escreva-lhe para «Fox Studios», 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Cal.

Bye, bye!...

EU SEI TUDO.



## À maneira do Olavo...

# Manual da perfeita "vamp"

Serão estéreis os vossos esforços se pretenderdes ensaiar com os homens todos esses «trucs» postos em prática desde Mary Duncan até Tallulah, principalmente se sois um pouco sentimentais, pois correis o grave risco de queimar as asas no fogo com que quereis brincar.

Não deveis incorrer na torpeza de tomar a sério as coisas da vida para melhor vos habituardes ao papel que aspirais desempenhar; não caminheis muito apressada mente, não vos encosteis às paredes pondo os braços em cruz, nem apoieis uma mão na cinta, agarrando com a outra os cabelos, sem uma razoável justificação. Não adopteis, ao falar, atitudes declamatórias, nem é conveniente pôr os olhos em branco pelo mero facto de um pacífico transseunte vos perguntar que direcção hade tomar para chegar rapidamente ao seu destino, nem deveis ler novelas de amor e de paixão.

Por último, quando sentirdes desejo de beijar o vosso noivo ou o infeliz que tiverdes escolhido como possível vítima, não deveis abrir muito os lábios nem vos arragueis a êle levantando os pés à altura das curvas; para realizar êste número é preciso que o beijocado tenha força suficiente ou que, pelo menos, esteja prevenido, pois do contrário, correréis o grave perigo de dar em terra com o vosso gentil invólucro carnal.

Se, fazendo omissão das minhas desinteressadas advertências, continuais praticando essa absurda tática, num amanhã não muito distante, quando um concurso de beleza vos fór arrancar do anonimato e poderdes exhibir os vossos encantos ante um desses tipos, altos, bojudos e bem barbeados que monopolizam os negócios do cinema e veem de quando em quando dar uma volta rápida pela Europa, fracassareis por completo e nem sequer conseguireis chamar a sua atenção, conseguindo que êle proponha um contrato, vantajoso que vos vá tirar de apuros...

As condições imprescindíveis para chegar a ser uma perfeita mulher fatal são as seguintes: estilizar o vosso corpo tanto quanto possível, para o que deveis observar o seguinte regime:

Pequeno almoço: 20 gramas de leiteuga com umas gotas de vinagre.

Almôço: duas rodela de tomate, meio ovo cozido, cincoenta gramas de nabos verdes, sem condimento, e como sobremesa — quatro bagos de uvas ou dois gomos de laranja.

«Lunch»: uma chicara de chá simples.

Jantar: uma asa de frango assada na brasa, quinze gramas de fígado frio e uma dúzia de amendoas tostadas.

Meia hora de pé ou passando para que a digestão não seja demorada, e, acabada esta, um banho turco. Dormir logo em seguida. Madrugar e fazer desportos antes do pequeno almoço — andar a correr 100 metros, e jogar os «quatro cantinhos» para abater as gorduras.

O ideal é manter o organismo num prudente equilibrio entre a anemia e a pré-tuberculose. Dêste modo o vosso corpo terá a flexibilidade de um junco marinho e ondulará como o tronco de uma palmeira ao ténuesopro da brisa. Claro que se o vento fór muito forte não será mau levar umas pedritas no bolso para que não vos derrube...

A compostura da cara é o mais difícil, posto que a sua configuração não dependa do individuo. Sem embargo, os institutos de beleza realizam prodígios. Sobrancelhas finas e um pouco arqueadas nos seus extremos exteriores; pestanas curvas e grandes; o nariz ligeiramente afilado; lábios grossos, sensuais; cabeleira abundante e penteada para trás, deixando a descoberto as orelhas, — ou então o contrário: cabelo solto em cachos. Por último é conveniente dotar a mandíbula de elasticidade suficiente para que nas expressões de extase supremo, quando a boca tenha de buscar outra boca, avance o queixo o necessário enquanto a cabeça cai violentamente para trás quando o aparelho sonoro regista um suspiro gutural e prolongado lançado geralmente pelo «régisseur»...

Conseguidos êstes requisitos será indispensável que vos preocupeis seriamente com a conduta a seguir. Como a humanidade é um puro contra-senso, não convém de nenhum modo proceder na vossa vida privada do mesmo modo

que ante a câmara, pois neste caso não interessareis ao publico, grande aficionado dos contrastes. Mesmo que sejais uma «vamp» de puro sangue, não tereis remédio senão dissimulá-lo cuidadosamente. O mais acertado é presumir de misantropia, de honrada mãe de família ou de ingénua... Os vossos rasgos morais, as vossas virtudes, antagónicas para a vossa personalidade artistica, causarão assim entre os admiradores uma grata surpresa e a devoção por vós centuplicará.

Para completar esta falsa psicologia é preciso que inventeis umas tantas genialidades. Seria interessante que os serviços de informação das casas produtoras podessem dizer, por exemplo, de qualquer de vós: «E' para o seu *partenaire* a zona tórrida; para os demais, a região das neves perpétuas. Só fala ao amanhecer; esconde-se debaixo da cama quando há trovoadas; gosta de descer a duas e duas as escadas; a sua afeição favorita é a ocarina, a que dedica as suas horas de ócio; com frequência passeia pelos campos alcantilados, mas com certa precaução, pois padece do fígado e teme as vertigens. Lê todos os livros que encontra à mão, mesmo que não compreenda o idioma em que estão escritos. Não fuma; as ligas apertam-lhe sempre; come castanhas cozidas para entreter a fraqueza enquanto trabalha nos estúdios. Escreve a sua correspondência à máquina; possui um luxuoso Rolls, mas prefere a *patinette* para os seus passeios pela cidade; gosta de bombons, mas não os come com medo que lhe estraquem os intestinos...»

Se seguides os meus conselhos, podereis *gretagarbear*, *marlenear*, *brigittelear* e *tallulear* sem temores alguns...

## Um Bom Conselho

Não deixe de ir no domingo ao Batalha, à primeira «matinée», aproveitando o desconto que lhe é facultado mediante a apresentação da senha deste numero.



CLARA BOW 1933

O brinde de Natal de «Cinema» aos seus leitores

(Foto "Fox F. I.")

# Pelos nossos Cinemas

RAPARIGAS DE UNIFORME (MAEDCHEN IN UNIFORME): — Ver



a crítica em «O Cantinho dum Cinéfilo».

Autor: Christa Winsloe. Cenaristas: Christa Winsloe e F. D. Andam. Autor musical: Hansan Milde-Meissner. Fotógrafos: Reimar Kuntze e Franz Wehmeÿr. Director de som: Karl Prodmerkel. Decoradores: Fritz Maurischat e Friedrich Wincker-Tannenber. Realizador: Leontine Sagan. Intérpretes: *Manuela*, Hertha Thiele; *Sua tia*, Gertrude de Lalsky; *A Superiora*, Emilia Unda; *A Senhora von Bernburg*, Dorothea Wieck; *A Senhora von Kesten*, Hedwig Schlichter; *A Senhora von Gaerschner*, Lene Berdolt; *A Senhora von Atems*, Erika Mann; *Mademoiselle Oeuillet*, Lisi Scheerbach; *Miss Evans*, Margory Bodker; *A guardaroupa*, Else Ehser; *Ilse von Westhagen*, Ellen Schwanneke; Marga, Ilse Winter.

Produzida em 1931 pela DEUTSCHEN FILM-GEMEINSCHAFT (Produção CARL FROELICH). Programa Agência Cinematográfica H; da Costa. Ltda. Estreada no «São João» em 19 Dezembro 1932.

O REI DO BEJO (EMBRASSEZ-MOI): — Georges Milton é dos melhores cómicos franceses, mas o seu valor precisava de ser convenientemente aproveitado em cinema, e não serão, estamos a ver, as possibilidades directivas de Léon Mathot que o conseguirão.

«O Rei do Beijo» é uma fita engraçada, de boas situações cómicas, em que Georges Milton põe mais uma vez em evidência as suas qualidades de intérprete especializado na comédia-farsa e de expressivo *chansonnier*, e, por isso, o êxito comercial da fita está mais ou menos assegurado. Mas Léon Mathot, aproveitando o valor de Georges Milton, podia muito bem tê-lo desenvolvido num ambiente mais cinematográfico, ao menos suprimindo as

situações estáticas, as recitações morosas em frente da objectiva, etc., que as leis basilares do cinema — que o público começa a conhecer — absolutamente repudiam.

Mas Léon Mathot pretendeu, principalmente, fazer uma fita para França, para o público que durante muitos meses foi apreciar Georges Milton em «O Rei dos Borlistas», e não se importou com as exigências dos críticos nem com os desejos dos cinéfilos. Arrançou uns interiores grandiosamente luxuosos, fez passear por êles lindas mulheres — Tania Fédor, actriz de apreciáveis recursos artísticos, é das mais belas mulheres do cinema — foi buscar música e canções agradáveis, e, com a graça pessoal de Georges Milton, deu-nos uma comédia filmada que faz rir a generalidade do público.

Autores: Tristan Bernard, Ives Miranda



e Gustav Quinson. Cenarista: Jean Boyer. Autores musicais: Vincent Scotto e René Mercier. Realizador: Léon Mathot. Intérpretes: *Boucatel*, Georges Milton; *Marquesa Aurora*, Tania Fédor; *Condessa de la Tour d'Argent*, Jeanne Heibling; *O Marquês*, Jean Tarride; *Gastão*, Maurice Escande; *Geraldina*, Raymonde Bennet; *Leclerc*, Sincel.

Produzida em 1932 pela GAUMONT-FRANÇO-FILM AUBERT (J. N. Ermolieff). Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Rivoli» em 17 Dezembro 1932.

FASCINAÇÃO (POSSESSED): — Joan Crawford, um temperamento artístico do mais requintado que tem brilhado no cinema, encontrou em «Fascinação» uma grande oportunidade — a primeira grande oportunidade — para mostrar aos olhos do nosso públi-

co o que vale como actriz, já que circunstâncias várias, principalmente o atrazo com que os seus filmes anteriores foram exibidos entre nós, tem impedido que o nosso público preste a Joan Crawford a atenção que merece o seu talento muito vasto, a sua sensibilidade artística muito apurada, que a colocam, lá fóra, nas primeiras filas das predilecções do público.

«Fascinação» é um grande trabalho de Joan Crawford. Passa de operária duma fábrica de cartonagem a *dame du monde*, subindo os degraus da riqueza e do luxo com toda a elegância da sua aristocrática figura, e com toda a consciência das suas amplas faculdades de actriz, sofre resignadamente a injustiça e a hipocrisia dos homens perante o seu amor não legalizado — como se o coração percebesse alguma coisa das leis dos homens ou para alguma coisa precisasse delas! — e finalmente, em sua própria defesa, mas, principalmente, na defesa do homem a quem ama, afronta estoicamente a multidão que a censura, num trabalho de desusada precisão, com a naturalidade e o sentido das grandes estruturas artísticas.

Ao lado de Joan Crawford aparece Clark Gable, pela primeira vez num papel de tal envergadura. Satisfaz inteiramente. Foi digno parceiro de Joan e justifica absolutamente a simpatia que lhe dispensam na América. É um artista que se impõe com grande sobriedade, olhar inteligente, profundo, um primeiro actor que se vê com agrado e que fóra com Joan Crawford um par excelente.

O entretcho de «Fascinação» é que peca por apresentar pormenores demasiadamente americanos, que o nosso temperamento e os nossos hábitos não podem compreender, ou, pelo menos, receber com grande satisfação, demais que Clarence Brown se deteve demasiadamente na sua descrição, esquecendo quasi totalmente a fórmula cine-



gráfica — de que êle apenas se lembrou na seqüência em que Joan Crawford e Clark Gable recordam os três anos passados em feliz vida comum, e em que é fixado o detalhe malicioso, à la

Na capa:—Jeanette MacDonald e Maurice Chevalier protagonistas do filme «Uma Hora Contigo»

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

*Lubitsch*, do atrazo em que ficaram para o jantar para que foram convidados... — para construir o filme principalmente sob a fórmula teatral, que o crítico de cinema, que o apreciador de cinema não pode receber muito bem.

Mas o filme está tam cuidadosamente composto nos seus elementos cooperadores — excepção de algumas deslocadas legendas — possui tam excelente diálogo, e está, principalmente, tam bem interpretado, que eu não dei por mal empregado o tempo de que precisei para ver «Fascinação».

Sobretudo, esta Joan Crawford!...

Autor: Edgar Selwyn — «The Mirage». Cenarista: Leonore Coffee. Realizador: Clarence Brown. Intérpretes: *Marian*, Joan Crawford; *Mark Whitney*, Clark Gable; *Al Manning*, Wallace Ford; *Wally*, Skeets Gallagher; *Travers*, Frank Conroy; *Vernice*, Marjorie White; *John Driscoll*, John Miljan; *A Mãe*, Clara Blandick.

Produzida em 1931 pela «METRO-GOLDWYN-MAYER». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda.» Estreada no «Trindade» em 20 Dezembro 1932,

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

### Nova gente para a «Fox»

Ricardo Cortez e Loretta Young vão aparecer em fitas da «Fox». O primeiro fará o principal actor de «Broadway Bad», com Joann Blondell e Ginger Rogers, e a segunda interpretará a fita «Zoo in Budapest», com Gene Raymond, que Jesse L. Lasky está produzindo para aquela casa.

## BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

ULTIMAS EXIBIÇÕES do maior sucesso do cinema sonoro

“TRADER HORN”

Terça-feira, 27 — PROGRAMA SENSACIONAL:

“Anny no Paraíso”

Divertida comédia com a incomparável ANNY ONDRA e estreia no Porto do excelente filme

O HOMEM FANTASMA com Ricardo Cortez

PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

## Incontestavelmente o melhor receptor é o M E N D E

Sonora — Radio  
Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

## N.º 40

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 29 e 31 de Dezemb.  
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 29 e 31 de Dezemb.  
BATALHA — Matinéas de Quinta, Sab. e Domingo (1.ª), 29, 31 e 1 Jan.  
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 31 de Dzeembro.

AVENIDA-TEATRO, de Vizeu — Soirée de Quinta-feira, 29, e Matinée de Dom., 1 de Jan. — 20% de desc. em todos os lugares, excepto geral.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.ª Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos,

vai apresentar brevemente no  
Porto dois grandes filmes:

## U M V A L E N T E

("SON HOMME")

Um filme de agrado absoluto, com  
HELEN TWELWETREES, PHILLIPS  
HOLMES e RICARDO CORTEZ

---

◆

## U M A R A P A R I G A E U M M I L H Ã O

("UNE JEUNE FILLE ET UN MILLION")

Encantadora comédia falada  
e cantada em francês com  
MADELAINE OZERAY e CLAUDE DAUPHIN

Magnífica realização de MAX NEUFELD